



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
COLEGIADO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS

JOSINETE SOUZA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA VOZ NEGRA FEMININA: UMA LEITURA DA OBRA  
*BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Santo Antônio de Jesus

2021

JOSINETE SOUZA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA VOZ NEGRA FEMININA: UMA LEITURA DA OBRA  
*BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras-Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, *campus V*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Santana.

Santo Antônio de Jesus  
2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

S237r

Santos, Josinete Souza

A representação da voz negra feminina: uma leitura da obra  
Becos da Memória de Conceição Evaristo / Josinete Souza Santos . –  
Santo Antônio de Jesus, 2021.

59 fls.

Orientador(a): Profa. Dra. Suely Santos Santana

Trabalho de conclusão de curso ( graduação) - Universidade do  
Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*.  
Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Santo Antônio de  
Jesus, 2021.

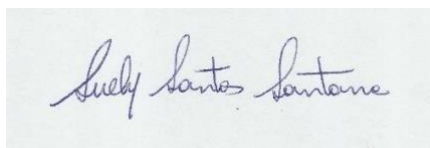
JOSINETE SOUZA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA VOZ NEGRA FEMININA: UMA LEITURA DA OBRA  
*BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, *campus* V, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Santos Santana.

BANCA EXAMINADORA



---

Orientadora: Profa. Dra. Suely Santos Santana (UNEB)



---

Profa. Dra. Gilce de Souza Almeida (UNEB)



---

Profa. Ms. Arlene Andrade Malta (IFBAIANO)

APROVADA EM:

06/08/2021

A Deus, pela misericórdia e força nos momentos mais difíceis.  
À minha querida mãe, Ednalva, que me ensinou as primeiras letras  
antes de ir à escola.  
Ao meu querido pai, Mauro Sergio (in memoriam), eternas saudades.  
Ao meu filho, Railan, amor incondicional.  
Ao meu amado e companheiro, Raimundo, por me incentivar a todo momento.  
À minha família, meu porto seguro. Obrigada por estarem presentes em todas as  
fases da minha vida. Gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, todo poderoso, por ter me guiado, me revestindo de forças e sabedoria durante o período da graduação.

À orientadora, Profa. Dra. Suely Santana, pela atenção, apoio e palavras de motivação. Por ela tenho profunda admiração.

Aos meus pais, Ednalva e Mauro (in memoriam), aos quais sou grata por todos os esforços que fizeram por mim ao longo da vida. Vocês fazem parte da minha história e de todas as minhas conquistas.

Ao meu amor, porque os laços que nos unem são verdadeiros. Sempre pude contar com você em todos os momentos. Obrigada por acreditar em mim. A você, toda minha gratidão.

Aos amigos que fiz durante o curso, pelos momentos compartilhados, especialmente a Uislane. Obrigada por sempre me ajudar ao longo dessa graduação.

Agradeço também a todos os professores(as) da UNEB, pelos conhecimentos transmitidos que contribuíram para a minha formação acadêmica.

## Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó  
Ecoou criança  
Nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
Ecoou obediência  
Aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
Ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
Debaixo das trouxas  
Roupagens sujas dos brancos  
Pelo caminho empoeirado  
Rumo à favela.  
A minha voz ainda  
Ecoa versos perplexos  
Com rimas de sangue  
e  
Fome.  
A voz de minha filha  
Recolhe todas as nossas vozes  
Recolhe em si  
As vozes mudas caladas  
Engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
Recolhe em si  
A fala e o ato.  
O ontem- o hoje -o agora.  
Na voz da minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa faz uma abordagem acerca da literatura afro-feminina, especificamente a produção da escritora Conceição Evaristo, como forma de representação da mulher negra e de rompimento do imaginário construído por meio dos estereótipos da literatura canônica sobre a existência negra e feminina. Foi analisada a obra *Becos da Memória* da escritora Conceição Evaristo, buscando responder à seguinte pergunta-problema: Como a narrativa aborda os problemas sociais e de gênero e qual a sua relevância para o fortalecimento da literatura afro-brasileira? Para tanto, foi traçado como objetivo compreender a obra e sua relação com a contemporaneidade, a partir do perfil da personagem Maria-Nova. Analisou-se como se dá o processo de construção da identidade feminina na narrativa, sua contribuição para a construção de uma subjetividade feminina e buscou-se identificar situações que possibilitem um diálogo entre a ficção e a realidade, no que se refere à desigualdade social e de gênero. Portanto, pode-se concluir que a obra de Evaristo fortalece a literatura afro-brasileira por ser uma narrativa que humaniza a pessoa negra, trazendo-a ao centro da narrativa e colocando em pauta suas aflições, medos e dores diante de uma sociedade desigual e pautada em uma cultura racista.

**Palavras-chave:** Literatura afro-feminina. Conceição Evaristo. *Becos da Memória*. Escrivência. Identidade.

## ABSTRACT

The present research of makes an approach about the literature afro-feminine, specifically the production of the writer Conceição Evaristo, as a form of representation of black women and the breakup of the imaginary created through the stereotypes of the canonical literature about the black and feminine existence. It was analyzed the work "Becos da memória" by the writer Conceição Evaristo, seeking to answer the following problem question: how the narrative addresses social and gender issues and what is their relevance to the strengthening of Afro-Brazilian literature? To do so, it was designed as objective to understand the work and its relationship with the contemporaneity, from the character Maria Nova's profile. It was analyzed how is created the building process of female identity in the narrative, its contribution to the construction of a feminine subjectivity and it was sought to identify situations that allow a dialogue between fiction and reality, with regard to social and gender inequality. Therefore, it can be concluded that the work of Evaristo strengthens the Afro-Brazilian literature for being a narrative that humanizes the black person, bringing her to the center of narrative and putting her afflictions on the agenda, fear and pain in the face of an unequal society, based on a racist culture.

**Keywords:** Afro-female literature. Conceição Evaristo. Becos da Memória. writing. identity

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1.INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <br>  |           |
| <b>CAPITULO 2</b>   |           |
| <b>A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA DESCONSTRUÇÃO</b> |           |
| <b>DO CÂNONE LITERÁRIO</b>  |           |
| <b>BRASILEIRO.....</b>  | <b>12</b> |
| 2.1 O cânone literário brasileiro.....                              | 12        |
| 2.2 A voz autoral feminina e negra.....                             | 16        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b>   |           |
| <b>LITERATURA E MEMÓRIA: A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO</b>             |           |
| <b>EVARISTO.....</b>  | <b>22</b> |
| 3.1. A escritvência de Conceição.....                               | 22        |
| 3.2 O perfil da personagem Maria-Nova.....                          | 25        |
| <br>  |           |
| <b>4.CONCLUSÃO.....</b>   | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>33</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A produção literária de mulheres negras se configura como uma escrita de denúncia, subversão e resistência e busca romper com os padrões literários impostos que reproduziram estereótipos e tentaram silenciar-vozes consideradas marginais. É necessário discutir e compreender essas obras como essenciais à formação dos sujeitos, para a compreensão da realidade da sociedade brasileira que ainda vive as consequências da exclusão e do silenciamento.

Considerada uma das maiores representantes da literatura brasileira do século XX, a escritora Conceição Evaristo é reconhecida por imprimir às suas obras um conjunto de temas e personagens densos e complexos, os quais permitem observar retratos do cotidiano e tramas psicológicas como as marcas principais de seus escritos.

A produção literária de Evaristo é marcada por um posicionamento que busca enfatizar a vivência de mulheres negras na sociedade brasileira. Nesse sentido, pode-se afirmar que o seu texto carrega e propaga os seus sentimentos, as dores e as alegrias, o que a autora concebe como “escrevivência”. Essa escrita, baseada nas vivências e na realidade, convoca o leitor a pensar e discutir assuntos relevantes, tais como: a discriminação racial, de gênero, de classe, entre outros. Essa característica revela o caráter atemporal de sua obra e uma literatura na qual se pode observar as profundezas da alma.

Mediante o exposto, a proposta do presente estudo surgiu do interesse em discutir e aprofundar a leitura do romance *Becos da memória*, da referida autora, publicado em 2006. Na narrativa, a figura feminina surge como protagonista de resistência. Nessa perspectiva, Evaristo utiliza uma escrita sensível ao refletir sobre o sentido de estar no mundo e sobre o processo de construção da identidade feminina. Além disso, aborda as origens e as consequências da desigualdade social.

O intuito da pesquisa é refletir acerca da representação da voz negra a partir da perspectiva feminina, por meio da personagem central da narrativa, Maria-Nova, uma menina de 13 anos que vive todo o processo de desfavelamento e se torna porta-voz das alegrias e sofrimento. Sendo assim, a questão norteadora deste estudo é: Como a narrativa aborda o silenciamento e as questões de gênero e qual a sua relevância para o fortalecimento da literatura afro-brasileira.

Através de pesquisas e leituras sobre o tema, formulou-se a seguinte hipótese: O romance de Conceição Evaristo contribui para uma representatividade negra e feminina, pois, através da narrativa, é possível reconhecer uma subjetividade feminina e perceber as vivências das mulheres que foram silenciadas na literatura canônica.

A mulher, tanto na ficção como na vida real, experimenta situações de desigualdade social, marginalidade e vulnerabilidade, o que marca uma situação de exclusão que encolhe sua visibilidade e reconhecimento no espaço social onde se desdobram suas relações.

Para comprovar ou refutar a hipótese levantada, este estudo tem como objetivo geral analisar como o romance *Becos da Memória* aborda o silenciamento da mulher negra e como contribui para a representatividade negra e feminina por meio da personagem Maria-Nova. Para tanto, se tem os seguintes objetivos específicos: compreender a obra e sua relação com a contemporaneidade a partir do perfil da personagem Maria-Nova, analisar como se dá o processo de construção da identidade feminina na obra *Becos da Memória* e sua contribuição para a construção de uma subjetividade feminina; identificar situações que possibilitem um diálogo entre a ficção e a realidade no que se refere à desigualdade racial e de gênero na contemporaneidade.

A contribuição deste estudo reside em, por meio da narrativa literária, tecer uma reflexão sobre a construção do ser feminino na literatura de Conceição Evaristo, trazendo a obra e suas personagens para a atualidade. Além disso, espera-se que este estudo possa subsidiar novas pesquisas na área, bem como provocar novas discussões teóricas em torno da literatura afro-feminina.

O presente trabalho justifica-se em razão da necessidade de melhor compreensão da literatura afro-brasileira e sua relevância para a contemporaneidade. Assim, estudar a obra de Conceição Evaristo implica também em perceber o papel da escrita no que se refere ao seu processo criativo e aos limites e contradições que esse fazer lhe impõe.

A razão da escolha do presente tema de estudo é de ordem pessoal, em virtude da leitura da obra *Becos da Memória*, a qual oportunizou a pesquisadora conhecer a biografia da escritora Conceição Evaristo, despertando, assim, o interesse pela sua literatura. A motivação pela temática da desigualdade racial abordada em *Becos da Memória* surgiu devido à presença na família da pesquisadora de mulheres que tiveram de lutar muito na busca de melhores oportunidades de vida, fato que lhe

causou curiosidade pela obra, devido ao desejo de entender a história de mulheres da família de que faz parte.

Prosseguindo no estudo sobre a referida autora, percebeu-se que se poderia empreender uma pesquisa capaz de colocar em diálogo a ficção e a realidade ao tematizar a problemática abordada.

Explorar o tema no campo da literatura permite, portanto, que se repense a situação do sujeito em trânsito e como sua identidade é construída, afetada e transformada por um conjunto de aspectos que ultrapassa a questão econômica e social, pois é necessário buscar alternativas que deem abertura ao nascimento de uma história social que inclua os não incluídos, os oprimidos, nesse caso, as mulheres negras representadas no romance aqui destacado.

Para alcançar os objetivos delineados para este trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio da técnica da revisão bibliográfica, a qual foi desenvolvida, principalmente, por meio da leitura da obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2006), bem como de outras leituras de livros e revistas científicas de autoras que versam sobre o tema como Hooks (1995), Carneiro (2011), entre outras. Além disso, é utilizado o método de abordagem hipotético-dedutivo, no qual, segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 64) há a elaboração de um problema e da conjectura para serem testados e observados

O primeiro capítulo é referente à introdução do trabalho de pesquisa, apresentando a delimitação do tema, os objetivos, a metodologia utilizada, a hipótese e as contribuições da pesquisa.

No capítulo segundo, é feita uma abordagem sobre o papel do cânone literário brasileiro na construção de um imaginário sobre o negro, bem como o da literatura afro-brasileira no rompimento de um silenciamento que durante muito tempo, foi imposto às populações negras

No terceiro capítulo, a discussão será sobre a trajetória e o processo de escrita da autora escolhida para a pesquisa. Junto a isso, far-se-á uma análise da obra "Becos da Memória", buscando refletir sobre a voz negra e feminina a partir do perfil da protagonista em questão, Maria-Nova.

## **CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA DESCONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**

### **2.1 O cânone literário brasileiro**

“Eu não nasci rodeada de livros, e sim rodeada de palavras”. “Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. “O que os livros escondem, as palavras ditas libertam”. “E não há quem ponha um ponto final na história”.

Conceição Evaristo

Neste capítulo, será discutido o papel do cânone literário brasileiro na construção de um imaginário sobre o negro, bem como o da literatura afro-brasileira no rompimento de um silenciamento que durante muito tempo foi imposto às populações negras. Este silenciamento está atrelado ao poder circunscrito ao cânone literário brasileiro

O cânone literário brasileiro é construído por autores que são considerados grandes nomes da literatura ocidental, escolhidos mediante padrões estéticos, ideológicos e sociais. As obras canônicas foram recomendadas nas escolas, estudadas e preservadas ao longo do tempo, por serem consideradas geniais. Isso implicou na exclusão daquelas consideradas inferiores ou não aptas. De acordo com Reis (1992):

Verificamos que o corpus canônico da literatura (e, via de regra, não se usa o adjetivo “ocidental”, embora os autores sejam oriundos do Ocidente) está envolto por uma redoma de a-historicidade, como se houvesse sido estipulado por uma supracomissão de cúpulas e de alto nível (infensa a condicionamentos de ordem ideológica ou de classe) que, por uma espécie de mandato divino, houvesse traçado os contornos do cânon, elegendo tais obras e autores e varrendo do mapa outros autores e obras. (REIS, 1992, p. 71).

Desse modo, as obras e autores canônicos se tornaram alvo de estudos e pesquisas, e, ao longo do tempo, com as transformações sociais e o fortalecimento de movimentos de várias ordens passou-se a questionar os critérios de seleção, legitimação e exclusão de produções, tendo em vista que esse processo não se dá de

forma imparcial, pois obedece a um padrão ocidental de beleza e “bons costumes”, baseados nos ideais europeus e na moral cristã. Conforme salienta Reis (1992):

O que interessa reter, mais do que uma diacronia, é que o conceito de cânon implica um princípio de seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.). (REIS, 1992, p. 70).

De acordo com Moreira (2011), esse processo articula interesses daqueles que têm privilégios como poder social, intelectual e financeiro. Assim, a escolha das obras consideradas canônicas implica em uma imposição feita pelos detentores do poder. O autor afirma que:

Averbado em seu poder, o cânone trilhou alguns caminhos facilmente percebidos pela trajetória assumida na dominação do mundo ocidental, a começar pela própria denominação “cânone ocidental”, que permite em sua formação etimológica a exclusão do “oriental”, do “africano”, do “indígena” ou qualquer outro grupo que não compartilhe da cultura e posição social do ocidente. Por questões geográficas de poder, o cânone compactua com a classe dominante de modo que o padrão literário ocidental passa a ser visto como modelo de “boa literatura”, com estética “elitizada” e “correta”, em detrimento a qualquer grupo originário de outras partes do planeta. (MOREIRA, 2011, p. 19).

Assim, percebe-se que tais obras foram escolhidas como uma forma política de valorizar uma cultura e desprezar tudo que era destoante dela. Dessa forma, determinadas classes foram ignoradas pelo padrão canônico, sendo mencionadas nas obras literárias de modo preconceituoso e estereotipado. Conforme Moreira (2011):

Dentre tantos grupos ignorados pelo cânone, a mulher e o negro são dois exemplos claros de exclusão. A abertura literária (parcial e tardia) para esses dois casos coincide, historicamente, com as lutas sociais por eles travadas no último século. No momento em que a mulher foi às ruas e lutou por direitos de igualdade, percebeu-se também certa mudança literária no padrão patriarcal vigente no cânone, assim como as lutas contra o racismo acabaram por tornar “politicamente incorreta” a literatura que pregasse o sectarismo. (MOREIRA, 2011, p. 23).

No cânone brasileiro, o negro aparece muito mais como tema do que como voz autoral. Alguns aspectos contribuíram para esse silenciamento, o passado de escravidão, quando os escravizados foram reduzidos à mera força de trabalho braçal;

o período após a abolição, que não significou, de fato, liberdade, uma vez que muitos dos “libertados” permaneceram dependentes dos senhores e não tiveram políticas de inserção social; e os critérios da crítica, pautados em um formalismo de base eurocêntrica, que ditavam que as produções dissoantes da hegemonia dominante, isto é, aquelas que não se enquadravam nos padrões, não deveriam ser incluídas.

É necessário fazer emergir a voz dos que são silenciados. Segundo Said (1995) é necessário "ênfatisar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado em tais obras" (SAID, 1995, p. 104).

A mulher, por sua vez, era e ainda é inferiorizada social e politicamente, o que se refletia e ainda reflete na literatura. Há muito, a voz autoral feminina é considerada de qualidade menor, sendo questionada sua capacidade intelectual e seus direitos de falarem sobre si mesmas. Desse modo, a literatura brasileira com a voz autoral do homem branco, de classe alta e dentro de seus privilégios, reservou à mulher a posição de submissão e silenciamento. Para Adichie (2017, p.35): ‘Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar”.

As mulheres negras eram destacadas apenas pela sensualidade e disponibilidade para o sexo, responsáveis pelo desvio de caráter dos homens, pela fuga da moral cristã, a exemplo do conhecido poema de Jorge de Lima (1893-1953) *Essa negra Fulô*, que retrata a mulher apenas como um o objeto sexual, trazendo assim a visão do colonizador que enxergou os africanos e seus descendentes como selvagens e desprovidos da bênção divina.

O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.  
A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dêle pulou  
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
Cadê, cadê teu Sinhô  
que Nosso Senhor me mandou?  
Ah! Foi você que roubou,  
foi você, negra fulô? (LIMA, 1947).

Outro exemplo é o do autor José de Alencar, classificado como um escritor do Romantismo, o qual repercutiu em seus textos sua visão de mundo limitada em relação à pessoa negra. Para Moreira (2011), as descrições alencarianas destinadas aos personagens negros são econômicas quando comparadas aos brancos e “[...] São, ainda, repletos de elementos zoomórficos, nos quais o negro é constantemente comparado a animais que expressam, em suas atitudes, falas e características físicas, a bestialidade inerente a uma raça inferior.” (MOREIRA, 2011, p. 41).

Também é importante discutir sobre a linguagem como instrumento de poder, já que os discursos refletem as relações de dominação da sociedade, determinando os papéis e controlando o comportamento dos sujeitos. Rossini (2016) argumenta que:

Neste sentido, é a partir do discurso proferido, imbuído de um sistema de valores ideológicos de uma dada sociedade, que o indivíduo vitimado pelas amarras sociais passará a agir, aceitar e, conseqüentemente, desempenhar a representação lançada em sua identidade e em seu corpo. Entende-se, portanto, que através dos modelos simbólicos engendrados pelos discursos ideológico-culturais se estabelecem meios de controle e organização do comportamento do indivíduo na sociedade, os quais se refletem automaticamente em sua representação social. (ROSSINI, 2016, p. 4).

Já Zolin (2009) reflete que, até meados do século XIX, os discursos dominantes se restringiam aos espaços privilegiados de expressão, silenciando as produções vindas de segmentos sociais “desautorizados”, como as minorias e os marginalizados, construindo, assim, um apagamento da diversidade

Fonseca (2011) discorre sobre a repercussão dos estereótipos presentes nas produções literárias:

Cultivam-se os estereótipos do “negro ruim”, do “negro selvagem, instintivo”. A caracterização das personagens indica o endosso pela literatura de representações do negro que circulavam na sociedade escravocrata: o negro de bom coração, mas submisso, como a escrava Isaura e, de certa forma, o médico Raimundo; o negro bestializado, como a Bertoleza, de *O cortiço*, de Aloísio de Azevedo; ou pervertido, como o negro Amaro, do romance *O bom-crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, capaz de assassinar o jovem Aleixo, por quem nutria uma paixão. A caracterização de personagens negras marcadas por estereótipos negativos (de alma ruim, perigosos ou sexualmente pervertidos) distende-se para a consideração dos negros como depravados, que se evidencia no romance *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro. Em *O presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato, legitima-se a crença na inferioridade do negro e de sua raça. (FONSECA, 2011. p.3)

A partir de 1960, o cânone passou a ser questionado com mais ênfase, pois houve o fortalecimento de movimentos sociais, no Brasil, já que muitos grupos se organizaram para manifestar suas insatisfações e reivindicar os seus respectivos lugares de fala, o que, ainda que timidamente, vem influenciando na estrutura da sociedade e na literatura como representação da realidade. Dessa forma, as questões ideológicas presentes na formação do cânone passaram a receber questionamentos e a voz dos excluídos passou a ganhar força. Dentre essas vozes, destaca-se a voz da mulher negra, abordando o cotidiano de lugares, como a favela de Conceição Evaristo e o lixão de Carolina Maria de Jesus, obras que marcam o período pós-colonial<sup>1</sup>.

No tópico seguinte, será abordada algumas características da literatura feminina negra.

## **2.2 A voz autoral feminina e negra**

O feminismo se desenvolveu no século XIX como movimento filosófico, social e político. Mulheres passaram a questionar os papéis sociais que lhes eram impostos por uma dominação masculina e uma sociedade patriarcal, as quais as consideravam como seres inferiores. As mulheres também passaram a lutar pela igualdade de direitos como escrita, leitura, voto, trabalho, entre outros.

De acordo com Rossini (2016), o fortalecimento do movimento feminista e da crítica literária feminista nos Estados Unidos e na Europa, a partir de 1960, contribuiu para que outras vozes autorais, no caso femininas pudessem ganhar espaço:

A crítica literária feminista passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem

---

<sup>1</sup> O pós-colonialismo é marcado pelo processo histórico que faz uma contraposição ao colonialismo, indo contra imposições que foram empregadas no período colonial. Edward Said é considerado o fundador do pós-colonialismo em decorrência da sua obra *Orientalismo* (2007).

imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas. (ROSSINI, 2016, p. 5).

Assim, as produções femininas cresceram à medida que as mulheres foram conquistando o direito de falar. Nesse sentido, a voz autoral feminina trouxe a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. Para Zolin (2009): “A noção de representação, dessa forma, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais.” (ZOLIN, 2009, p. 106).

Em meados de 1970, começou a ganhar força o feminismo negro, abarcando discussões sobre outras possibilidades de ser mulher. Mulheres negras passaram a discutir as suas questões, as quais são, em muitos momentos, diferentes das vivenciadas por mulheres brancas. Conforme Ribeiro (2016):

A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de mulheres negras. Surgem organizações importantes como o Geledés, Fala Preta, Criola, além de coletivos e produção intelectual. (RIBEIRO, 2016, p. 101).

A fundadora e coordenadora do Gedelés (Instituto da Mulher Negra em São Paulo), Sueli Carneiro, defende a necessidade de “enegrecer o feminismo”, uma vez que as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que não é contemplada somente pelo discurso clássico da opressão feminina. Para ela, o discurso feminista clássico: “[...] não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.” (CARNEIRO, 2011, np).

Nesse sentido, observa-se que a literatura afro-feminina faz coro com o pensamento de Carneiro, pois traz discussões sobre as questões raciais e de gênero. Como as escritoras da literatura afro-feminina, esta autora aponta um “novo olhar feminista e anti-racista, segundo o qual, “[...] ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra.” (CARNEIRO, 2011, np).

Acredita-se que a primeira obra de autoria afro-feminina produzida no Brasil é o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. A obra foi publicada em 1859 e assinada

com *pseudônimo* “Uma maranhense”, o que já revela que essa literatura se configura como um ato de resistência. Essa foi a primeira obra a tratar o tema da escravidão. Andreta (2013) analisa que:

*Úrsula* adota um posicionamento explicitamente antiescravagista. O romance não tem a pretensão de ser uma bula abolicionista, entretanto, o fato de se tratar de uma literatura emergente deve ser privilegiado. Como mulher, intelectual e negra, Maria Firmina dos Reis não pertencia a nenhum grupo metropolitano. Segundo Zélia M. Bora (2006), ela criou uma visão diferenciada frente aos demais discursos, tais como os que dizem respeito a questões de pertinência e não pertinência do sujeito afrodescendente no espaço nacional. (ANDRETA, 2013, p. 39).

A escrita afro-feminina traz como protagonistas os negros na sociedade em espaços como as favelas, subúrbios, morros, terreiros, entre outros, abordando a realidade; também apresenta seus personagens em encontro com a sua ancestralidade. Desse modo, essa literatura rompe com os ideais eurocêntricos e hegemônicos e se configura como uma escrita engajada, pois:

Desconstrói estereótipos, renuncia a todas as verdades que lhes foram impostas e “liberta” as novas gerações destas, por meio do questionamento e reconstrução da autoestima. Recupera o seu passado, lambuza-se em mares negros [...]” (FERREIRA; MIGLIOZZI, 2016, p. 5913).

Ao tratar sobre as questões que devem ser privilegiadas na discussão sobre o feminismo negro, Carneiro (2011) trata do seguinte perfil de mulher negra no Brasil:

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência. (CARNEIRO, 2011, np).

Sendo assim, a escritora negra tem a sensibilidade de tratar sobre essas questões, seus textos trazem a voz de mulheres negras e dão visibilidade às mulheres que lutam constantemente por direitos básicos, pois ainda são exploradas nas cozinhas, são as únicas responsáveis pelos filhos e ainda são vistas de modo

erotizado, como herança dos estereótipos a elas atribuídos, não apenas na literatura, mas também nas novelas, revistas e propagandas. Para Souza (2017):

Porém, as mulheres negras reagiram e reagem. Elas falaram, cantaram e escreveram. Insistiram em manter acesa a chama de sua criatividade e figuraram/figuram como exemplos para outras mulheres negras que contemporaneamente fazem uso da palavra em livros, sites, blogs, jornais e revistas, compartilhando suas leituras do mundo, do Brasil e das suas histórias. (SOUZA, 2017,p.23).

Desse modo, é possível entender essa escrita como um ato de resistência, uma vez que visa romper/denunciar ideologias impregnadas na sociedade. É uma escrita construída por aquelas que eram consideradas não-sujeitos.

Dentre as autoras negras brasileiras, Carolina Maria de Jesus (1914-1977), é uma das principais, seus textos apresentam a sua condição e a de milhares de brasileiras que lutam para sustentar os filhos e a casa em meio a uma sociedade desigual. A autora encontrava no lixo a ressignificação de sua história. Nas folhas e livros guardados, denunciava o racismo e as mazelas sociais de modo sensível e crítico. Através de poemas também contou a sua história:

Era papel que eu catava  
Para custear o meu viver  
E no lixo eu encontrava livros para ler  
Quantas coisas eu quiz fazer  
Fui tolhida pelo preconceito  
Se eu extinguir quero renascer  
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!  
E deixo esses versos ao meu país  
Se é que temos o direito de renascer  
Quero um lugar, onde o preto é feliz. (JESUS, 1996).

Carolina Maria de Jesus inspirou outras autoras, entre elas Cristiane Sobral, que ressalta em seus textos a beleza negra, reconstruindo a autoestima de mulheres negras e levando os leitores a ter contato e valorizar a sua ancestralidade. Um exemplo é o poema *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, publicado em sua obra de mesmo título, em 2014:

Só por hoje

Vou deixar o meu cabelo em paz  
Durante 24 horas serei capaz  
De tirar  
Os óculos escuros modelo europeu que eu uso  
Enfrentar a claridade  
Só por hoje. (SOBRAL, 2014).

Assim, Sobral representa com maestria a escrita afro-feminina da contemporaneidade. Há também inúmeras outras vozes autorais como essas e que produzem microcontos e micropoemas que são divulgados em redes sociais e blogs, inovando, assim, o fazer literário.

Moreira (2012) compreende a escrita afro-feminina como aquela que quer se afastar da ideia da mulher negra como boa e compassiva, conhecida como a “mãe-preta”. Em sua análise, a autora entende essa linguagem como uma exteriorização da raiva: “[...] a escrita destas mulheres negras é uma resposta de raiva; a raiva da exclusão, do privilégio incontestado, das distorções raciais, do silêncio, do uso doentio das estereotípias, do apagamento histórico, da traição e da marginalização.” (MOREIRA, 2012, p. 143).

Nesse sentido, as autoras negras tecem uma escrita de resistência, que visa expor as opressões pessoais e institucionais, uma vez que se trata de uma literatura que incomoda e desconstrói estruturas racistas e que denuncia as diversas formas de opressão e as consequências de uma sociedade que tem como base a escravidão.

## CAPÍTULO 3- LITERATURA E MEMÓRIA: A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

### 3.1 A escritvência de Conceição Evaristo

“Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”

Conceição Evaristo

Neste capítulo, será abordada brevemente a trajetória e o processo de escrita de Conceição Evaristo, juntamente com a análise da sua obra “Becos da Memória”, buscando refletir sobre a voz negra e feminina a partir do perfil da personagem Maria-Nova.

De acordo com Machado (2014), a escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte. Em 1970, Evaristo mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério. No ano de 1976, ingressou na faculdade de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro; mais tarde, em 1996, tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, em 2011, tornou-se Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Em 1980, passou a participar do grupo “Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo”. Este, um coletivo de escritores que atuava realizando recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outros lugares. A partir disso, passou a ser conhecida pela sua escrita. Seu primeiro poema foi publicado nos *Cadernos Negros*<sup>2</sup> em 1990. Depois disso, publicou outros poemas.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003. A obra reflete sobre a ancestralidade, a partir de lembranças da protagonista Ponciá, a qual rememora as heranças deixadas pelo avô. Em 2006, após 20 anos de tentativas frustradas de publicação, foi publicado, pela editora Mazza, o romance *Becos da*

---

<sup>2</sup> <sup>1</sup> Os cadernos negros são uma série literária independente que publica textos afro-brasileiros; o *Quilombhoje*, que publicava obras da autora estudada funciona desde 1978.

*Memória*, sobre o qual será feita a análise. Nas palavras da autora: “A publicação de *Becos da memória*, por vários motivos, aconteceu depois de ter vindo a público o romance *Ponciá Vicêncio*. “Creio mesmo que a aceitação do primeiro romance publicado me deu segurança para desengavetar *Becos*. Da memória (EVARISTO, 2019, n. p.).

Seu romance mais recente é intitulado *Canção para ninar menino grande*, publicado em 2018, pela Unipalmars. A história trata da frustração do personagem Fio Jasmin, descrito como um atraente rapaz que não pôde fazer o papel de príncipe na escola por ser negro. Além dessas obras, a escritora publicou coletâneas de poemas e contos, dentre elas: *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d’água* (2014). Algumas dessas obras já foram traduzidas para inglês, francês e alemão.

A escritora recebeu em 2015 o *Prêmio Jabuti* e o *Prêmio Faz Diferença*, na categoria Prosa. No ano de 2018, houve a tentativa negada de ocupar a cadeira de número 7 na Academia Brasileira de Letras.

Além dos textos literários, Evaristo tem diversas contribuições acadêmicas nos campos de Literatura feminina e afro-brasileira. Em um ensaio publicado pela Revista Palmars, em 2005, reflete sobre a representação feminina e negra:

Entretanto, se a literatura constrói as personagens femininas negras sempre desgarradas de seu núcleo de parentesco, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Desse modo, Evaristo assume o compromisso, não só de ficcionalizar temas e personagens importantes, mas também de usar a escrita como produção intelectual, colocando em pauta as questões que ainda são negligenciadas e representando uma literatura ativista que dá oportunidade aos que durante toda a vida não foram ouvidos.

Seu processo de escrita se configura como uma narrativa memorialista, definida por Porto (2011) como “[...] uma escrita que passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro.” (PORTO, 2011, p. 439).

Entretanto, esse processo de criação literária para a autora de textos afro-femininos vai além, envolve o conceito de “escrevivência”, mencionado em muitos momentos por Evaristo. Suas narrativas tratam de suas vivências e das histórias de um coletivo que são transportadas da realidade para o texto literário e vão em busca do encontro com a ancestralidade africana e com a existência negra. Na apresentação de *Becos da Memória*, a escritora revela:

Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade [...]. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência [...]. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (EVARISTO, 2019, np).

Desse modo, o processo de criação literária da escritora se dá a partir de suas memórias e experiências vivenciadas por ela e por sujeitos outros que partilhavam do espaço da favela, da função de empregada doméstica, da luta e busca pela educação como forma de melhoria de vida e das diferentes formas de racismo estrutural. Machado (2014) traz citações da escritora a respeito das mulheres de sua família:

Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construía um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (EVARISTO apud MACHADO, 2014, p. 248).

Assim, as mulheres descritas por Evaristo enfrentam diversas formas de opressão e trazem as suas questões, sonhos, desejos e medos. Como uma mulher que experimentou situações de desigualdade social e racial, a autora apresenta um olhar que se distancia das descrições estereotipadas e superficiais presentes na literatura brasileira.

Embora Evaristo seja reconhecida por sua escrita, isso não significa que o cenário da literatura brasileira tenha mudado. Os 20 anos de espera pela publicação de *Becos da Memória* já revelam que, em sua trajetória, enfrentou lutas e foi resistente

às barreiras impostas e às dúvidas quanto à qualidade e temática dos seus textos. Em entrevista concedida ao jornal Correio Braziliense, em 2018, a escritora refletiu que há ainda um imaginário que não coloca as mulheres negras como produtoras de saber:

Sem sombra de dúvida existe esse imaginário em relação às mulheres negras, que é um imaginário que, normalmente, não nos coloca como sujeitos produtores de saber, sujeitos produtores de determinada arte. A literatura, até hoje, está nas mãos de homens e homens brancos. Quebrar com esse imaginário que coloca as mulheres negras no lugar de subalternidade e não acreditar nessas mulheres como potentes também na escrita causam um desinteresse no mundo literário. (EVARISTO, 2018. np).

Essa realidade ficou ainda mais evidente com a derrota na disputa para ocupação de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Mesmo com o apoio popular, o fato expôs a falta de representatividade negra e feminina nesse espaço. Assim, embora as lutas dos movimentos negros e femininos tenham ganhado cada vez mais força, ainda há reflexos de um imaginário construído a partir de uma literatura eurocêntrica, a qual descreveu que mulheres negras não são capazes de opinar em diferentes áreas de pensamento.

A composição da ABL, majoritariamente, branca e masculina, reflete um Brasil que, mesmo com a maioria da população negra, ainda é dominado por uma hegemonia branca e bem posicionada socialmente. A circulação do texto de Conceição Evaristo causa desconforto nos detentores de poder, pois revela um Brasil com consequências de uma escravidão que se tenta esquecer. Tal fato se reflete também nas editoras e nos currículos escolares que poucas vezes colocam em destaque textos de autoria afro-feminina.

Em entrevista concedida na feira literária, organizada pelo Itaú, em 2016 a escritora revelou que o público que mais a inspira não é aquele que tem acesso aos seus textos, devido às impossibilidades de acesso à cultura letrada, aos livros e ao ensino. Nesse sentido, a escritora se torna porta-voz desses que vivem à margem da sociedade e da literatura.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia emolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas,

suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (EVARISTO, 2019, p. 17).

A voz narrativa remete a uma individualidade de mulher negra e moradora de favela, mas também a uma coletividade, no momento em que se dedica a representar um povo, colocando em pauta as situações de abandono e opressão a que esse povo está exposto. Conforme Fonseca (2019): “O sujeito que assume a ação de narrar o que expressam essas vozes excluídas sabe que o registro do sofrimento dos miseráveis expõe os cortes constantes no próprio corpo e as feridas difíceis de serem cicatrizadas. (FONSECA, 2019, p. 192).

A obra cumpre a promessa de narrar sobre esses sujeitos e, como em um quadro, eles são revelados no decorrer da leitura. Todos com reflexos da escravidão, remetendo a uma ancestralidade africana. A principal temática é a política de desfavelamento, que quebra a harmonia da favela com suas festas e campeonatos de futebol. Os moradores se veem desamparados em meio ao despejo do único lugar a que se sentiam pertencentes, ou seja, uma tentativa de “limpeza” e embranquecimento. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube talvez (EVARISTO, 2019, p. 116).

Paralelo a esse tema que preocupa a todos os personagens, há outros dramas que são vivenciados de modo particular, como a solidão do “Tio Totó”, cujo nome já traz referência a uma vida subumana; as explorações trabalhistas vividas pelos personagens Negro Alírio, como líder de greves, e por Ditinha, empregada doméstica presa após roubar um broche da patroa. Há também a violência, a pobreza e a miséria que vão acirrando, conforme o desfavelamento se torna uma realidade.

A autora utiliza uma linguagem com presença de coloquialidade e que passeia facilmente da prosa para a poesia, como a curiosa frase que abre a narrativa: “Vó Rita dormia embolada com ela.” (EVARISTO, 2019, p. 15). A narrativa não apresenta uma linearidade, porém, conforme a leitura prossegue, se dão os desfechos das histórias das personagens.

Evaristo consegue, de forma profunda, retratar a complexidade humana e os sentimentos de personagens que representam milhares de sujeitos que vivem em condição de subalternidade “[...] vidas subterrâneas, minadas pela carência intensa de melhores condições de vida.” (FONSECA, 2019, p. 192). Nesse sentido, a obra ressignifica a existência negra na literatura, apresentando com sensibilidade os

sentimentos e dores e dialogando com uma realidade ainda presente de apartação social.

### 2.2.1 O perfil da personagem Maria-Nova

Maria-nova é descrita como uma menina de 13 anos que tinha como maior característica a curiosidade: “Todos achavam bonito aquela menina esguia, bem magra, de olhos sempre indagadores, de expressão entre séria e triste, ajoelhada no meio dos grandes a ler tão bem as orações do livro.” (EVARISTO, 2019, p. 45). A garota gostava de colecionar selos e histórias. As histórias ruminavam no seu pensamento e ela sentia as dores e angústias das pessoas à sua volta.

Mais do que ler os livros, a personagem também lia o mundo, com um senso de justiça apurado. Em sua mente trazia revoltas e se incomodava com as situações de opressão e desigualdade vividas pelos seus familiares e vizinhos da favela, o que era possível ser observado, inclusive, em suas orações:

Havia partes da oração em que ela via todo o seu povo, em que ela reconhecia o brado, as tristezas, os sofrimentos contidos nas histórias que Bondade contava. Ela conhecia e reconhecia os personagens. A oração podia ser aplicada à vida de todos e à sua vida [...]. (EVARISTO, 2019, p. 45).

Assim é construída a engenharia da narrativa, a partir de reflexões trazidas por uma menina de 13 anos e que sente que será porta-voz das dores do seu povo: “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali.” (EVARISTO, 2019, p. 31). Através dos pensamentos da menina, há reflexões profundas sobre a existência das personagens e sobre situações como a morte: “Ela sabia que a morte resolve os problemas de quem morre e raramente de quem fica. Ela sabia que Tio Totó queria morrer porque se sentia mais uma vez ludibriado da vida. Ela compreendia a razão dele.” (EVARISTO, 2019, p. 49).

A personagem é construída com uma profundidade singular, longe das descrições estereotipadas da literatura canônica. Trata-se de uma menina que também está começando a tornar-se mulher, conforme o seguinte trecho: “Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si.” (EVARISTO, 2019, p. 39).

Conforme a narrativa avança, entre as memórias das personagens e o presente de destruição da favela, o entusiasmo da personagem principal dá lugar a uma tristeza e angústia profundas, compartilhadas com os outros moradores da favela que, a cada dia, se preparam para retomar a vida em outro lugar. Em meio às dificuldades de permanecer na escola, Maria Nova se viu em um contexto semelhante à escravidão, como esta era ensinada pela professora: “Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela!” (EVARISTO, 2019, p. 73).

É possível perceber semelhanças entre Maria-Nova e o eu-menina de Conceição Evaristo. A autora deixa essa comparação a cargo do leitor:

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2019, np).

Essa aproximação da autora com a personagem se revela quando Evaristo diz ter sempre se reconhecido como negra. Conforme Machado, (2014): “Mais do que saber desde pequena que era negra, Conceição diz perceber-se como negra desde sempre, atemporalmente.” (MACHADO, 2014, p. 246). O reconhecimento de sua cor trouxe também uma consciência de classe, pois já percebia que ela e as mulheres da sua família viviam em situação de subalternidade.

Nas páginas finais, imersa na angústia pelo sofrimento dos seus parentes e de outros moradores da favela, por conta do sumiço daquele lugar, a personagem enxerga na escrita um meio de ecoar a voz e de tornar viva as histórias vivenciadas na favela em que existia. “Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos.” (EVARISTO, 2019, p. 177). Essa necessidade da personagem é partilhada pela autora:

Eu escrevo porque, para mim, não há outra maneira de enfrentar, de suportar, de arrumar a vida, a não ser escrevendo. Enquanto escrevo faço da vida que me é apresentada o que quero. As personagens centrais de minha criação, seja ela ficcional ou crítica, nascem profundamente marcadas por minha condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2015, np).

Desse modo, é possível ler que a infância da personagem representa a infância da autora, pois, nessa fase, era atenta às histórias que eram narradas oralmente e desenvolveu a capacidade de escuta. Em sua obra, busca trazer uma memória da oralidade para o texto escrito, dando visibilidade a um povo com todas as suas complexidades, inquietações e trejeitos.

Maria-Nova traz em si a esperança: “Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida. [...] Não voltaria no próximo ano, mas voltaria a estudar um dia.” (EVARISTO, 2019, p. 183). Esse momento pode ser comparado à experiência da autora no momento em que deixa a favela em Belo Horizonte para estudar no Rio de Janeiro, em 1970, acreditando na força transformadora da educação e correspondendo à uma necessidade, pois, como afirma Hooks (1995): “Somos impelidos até mesmo empurrados para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual.” (HOOKS, 1995, p. 465).

Os ouvidos atentos da menina Maria se assemelham aos de Conceição, que traz em sua escrita situações baseadas nas relatadas pelas mulheres de sua família e nas vivências como doméstica, desde os 8 anos.

Assim, através da personagem Maria-Nova, Conceição Evaristo traduz uma subjetividade não apresentada em outras literaturas, o sentimento de solidão, a necessidade de salvar aqueles sujeitos através da educação e da consciência racial e de classe e o sentimento de pertença àquele lugar. Ao se aproximar das características da personagem, a autora consegue recuperar as experiências de outras pessoas, principalmente mulheres negras que também estão expostas à difícil realidade. “A escrita dá contornos mais humanos a esse lugar e a narrativa, feita de pedaços de vidas mal vividas.” (FONSECA, 2019, p. 195-196).

As histórias rememoradas, em muitos momentos, pelo personagem Bondade, que as conta para Maria-Nova, refletem uma realidade difícil, principalmente para as mulheres negras. A figura das lavadeiras que, “[...] apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos...” (EVARISTO, 2019, p.42) se assemelha a tantas outras mulheres negras que lutam para a sobrevivência de si mesmas e de sua família.

A política de desfavelamento, abordada na narrativa, reflete uma realidade em que sempre vence uma hegemonia branca. Pessoas negras ainda não são maioria na política, na televisão, nas novelas e propagandas, por uma tentativa de apagar as

consequências históricas da escravidão. Em um trecho da obra, políticos: “Perguntavam o que os outros estavam fazendo por nós. Nada! Eles mesmos respondiam. Não queriam nem ouvir nossas vozes.” (EVARISTO, 2019, p. 118). E assim é denunciada uma negligência e um constante desamparo que traz como consequência a violência, as altas taxas de evasão escolar e de repetência, a pobreza e a miséria.

Conceição Evaristo consegue colocar em cena a subjetividade e as inquietações da empregada doméstica Maria- Nova, desconcertada diante do olhar da patroa e do acúmulo de riquezas, enquanto ela e os seus não tinham o mínimo para a sobrevivência. Conforme Machado (2014), Evaristo entende que sua escrita passa “pelas cozinhas alheias”, que se assemelham às cozinhas das casas-brancas em muitos momentos da atualidade.

A narrativa traz personagens que experienciam a violência doméstica, a exemplo de Maria- Nova, mas também traz Cidinha-Cidoca e Dora, as quais representam a liberdade dos seus corpos na personagem Maria-Nova, essa liberdade passa pela leitura e pela escrita como forma de emancipação dos sujeitos; “Maria- Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação” (EVARISTO, 2019, p. 110).

Ao comparar a magreza de uma mulher enferma (p.110) à magreza da vida, de forma poética, Evaristo denuncia uma sociedade em que há uma hegemonia detentora de poder social e aquisitivo, enquanto há outras pessoas que até os dias atuais enfrentam opressão e descaso, mas ainda assim encontram forças para continuar vivendo ou sobrevivendo.

Desse modo, a autora subverte, através da sua escrita, e se torna representante dos seus, rompendo, assim, com as barreiras que impõem à mulher negra apenas o lugar de sensualidade, e, assim desconsidera a sua capacidade para a criticidade e a produção escrita. Conforme a escritora:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (EVARISTO apud Machado, 2014, p. 249).

Diante disso, pode-se destacar que Evaristo assume a posição que não era considerada adequada para mulheres negras, de produtora de conhecimento e de intelectual, produzindo um texto atemporal, que revela as mazelas sociais ainda existentes no Brasil e fortalece a luta pelo empoderamento feminino e negro, além de demonstrar que a literatura afro-feminina possui qualidade e profundidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tratou da construção de um imaginário sobre a existência negra e feminina, a partir da visão estereotipada, limitada e superficial, propagada pela literatura canônica. Em seguida, abordou-se a literatura atrelada à realidade que, com o fortalecimento dos movimentos sociais e da crítica feminista, trouxe vozes marginalizadas para o centro das narrativas.

O feminismo negro contribuiu para tratar as subjetividades da mulher negra na sociedade, vista na literatura canônica, na mídia e na sociedade apenas pela sensualidade.

A escritora e intelectual, Conceição Evaristo, por meio do seu modo de criação literária, consegue trazer as suas memórias e as daqueles que ela representa, colocando em pauta as subjetividades de pessoas negras e denunciando as situações de desigualdade ainda existentes.

Retomando a pergunta-problema da pesquisa “Como a narrativa aborda os problemas sociais e de gênero e qual a sua relevância para o fortalecimento da literatura afro-brasileira?”, foi possível confirmar a hipótese de que o romance *Becos da Memória* contribui para uma representatividade negra e feminina, pois, através da narrativa, é possível reconhecer uma subjetividade feminina e perceber as questões vivenciadas por mulheres que foram silenciadas na literatura canônica.

Através da leitura e análise da obra, compreendeu-se que a *escrevivência* aproxima a autora da personagem e de seus leitores, principalmente de mulheres negras, que partilham dos sentimentos e violências das personagens da obra. Os problemas sociais são apresentados através dos olhares de Maria-Nova, de apenas 13 anos, atenta à realidade e trazendo reflexões profundas que demonstram uma subjetividade e uma identidade, aproximando-se, assim, do eu-menina da autora que, atualmente é porta-voz de um povo de uma realidade que durante muito tempo foi apagada.

A relevância da obra de Evaristo para o fortalecimento da literatura afro-brasileira está no fato de ser uma narrativa que humaniza a pessoa negra e traz ao centro a mulher negra, colocando em pauta suas aflições, medos e dores diante de

uma sociedade desigual e pautada em uma cultura racista. Com isso, ela rompe com o imaginário estereotipado que percorre outras literaturas, as quais colocam essas mulheres como conformadas com a posição de subalternidade e opressão.

Além disso, a obra provoca a compreensão de uma realidade que insiste em ser negada, a qual demonstra que as consequências da escravidão afligem ainda hoje o povo negro das mais diversas formas, revelando, assim, a atualidade da narrativa.

Nesse sentido, foi possível alcançar os objetivos propostos de analisar como se dá o processo de construção da identidade feminina na obra *Becos da Memória* e sua contribuição para a construção de uma subjetividade feminina e identificar situações que possibilitam um diálogo entre a ficção e a realidade no que se refere à desigualdade social e de gênero na contemporaneidade.

O presente estudo buscou dar destaque a uma literatura que, em muitos momentos, se questiona sobre sua qualidade estética e temática, mostrando que a literatura afro-feminina possui profundidade. Faz-se necessário pensar em outros estudos que investiguem e proponham formas para que esse fazer literário seja enfatizado nos currículos escolares, visto que se tratam de textos importantes para a formação dos sujeitos e para a luta contra as desigualdades reproduzidas por outras literaturas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **A literatura afro-brasileira de autoria feminina: um estudo de Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis. Revista ao pé da letra. Santa Maria, n. 2, v. 15, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231814/25958>. Acesso em 12 jan. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**". In: Racismos Contemporâneos, org.: Ashsoka /Takano Ed, Cidadania, Rio de Janeiro, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2019

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista **Palmares**. p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 13. Jan. 2020.

FERREIRA, Amanda; MIGLIOZZI, Luiz Carlos. **Literatura afro-feminina brasileira do século XXI: Corpo,voz, poesia e resistência**. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491524538.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf) Acesso em: 15 jan. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth. **Posfácio: Costurando uma colcha de memórias**. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2019

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra: sentidos e ramificações**. In: DUARTE, Eduardo de Assis e \_\_\_\_\_ (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas. Santa Catarina, n. 2, v. 3, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 6 jan. 2021.

KILOMBA, Grada. "The Mask". In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**.Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010

JESUS, Carolina Maria de. **Muitos fugiam ao me ver**.Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/carolina-maria-de-jesus-poemas/>. Acesso em: 12 jan. 2021

LIMA, Jorge de. **Essa negra fulô**. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/jorge-de-lima-essa-negra-fulo-1>. Acesso em: 6. Jan. 2020.

MACHADO, Serafina. **Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança**. Revista Graphos. Paraíba, n. 2, v.14, p. 136-144, 2012. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/download/13717/8992/>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 306p.

MOREIRA, Fábio Martins. **O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em O presidente negro**, de Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em Letras- Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai). Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/26.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

PORTO, Patrícia Cássia de. **Narrativas memorialísticas: memória e literatura**. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro, n.12, v.6, p. 432-448, ago/dez, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1648/1496>. Acesso em: 12 jan. 2021.

REIS, Roberto. Canon. In: JOBIM, José Luiz (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

ROSSINI, TAYZA Cristina. **A construção do feminino na literatura: representando a diferença**. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/download/459/360/>. Acesso em: 6 jan. 2021.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. 2 ed. Brasília: Teixeira. 2016

SOUZA, Florentina. **Mulheres negras escritoras**. Revista Crioula nº 20 - 2º.2017.

ZOLIN, L. O. **Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em 'A república dos sonhos'**, de Nélide Piñon. Maringá: Eduem, 2003.